

# Da transmissão de informação à educação ambiental:

## a assistência técnica em áreas de reforma agrária

Ana Karina Santana Martins<sup>1</sup>  
Maria José Nascimento Soares<sup>2</sup>

**RESUMO:** O desenvolvimento de assentamentos rurais em termos ambientais e econômicos depende, dentre outros fatores, da aquisição de competências e habilidades que viabilizem a produção e a geração de renda pelas famílias assentadas, sem comprometer as condições ambientais. Esta assertiva deve contribuir para situar os serviços de assessoria para além do fornecimento de informações, tendo em vista um processo educativo fundamentado no diálogo e com perspectiva interdisciplinar. Nesse sentido, este artigo tem por finalidade discutir as dificuldades encontradas pelos técnicos ao desenvolverem suas atividades no Projeto de Assentamento Vitória do São Roque, localizado em Cristinápolis - SE.

**Palavras-chave:** assentamentos rurais; assessoria técnica; educação ambiental.

### INTRODUÇÃO

A agricultura é uma atividade por essência impactante. Os danos ambientais produzidos por ela tendem a ser irreversíveis quando os recursos naturais são manejados de forma incorreta. O acesso à informação pelo agricultor é sem dúvida um importante aspecto a ser considerado quando se pretende um eficiente manejo dos recursos naturais. Não obstante, esta prerrogativa torna-se ainda mais relevante em áreas de reforma agrária, onde a ocorrência de danos ambientais pode estar associada à desinformação dos assentados em razão da descontinuidade e/ou ausência dos serviços de assessoria técnica.

Assim, o processo informativo é essencial para a construção e consolidação da identidade do agricultor assentado, que deverá gerir muito bem os recursos naturais, a fim de garantir a sobrevivência e gerar renda para sua família. Nesse sentido, o acompanhamento técnico é de suma importância para construção pelo agricultor de uma postura gerencial que o auxilie na tomada de decisão quanto ao manejo dos recursos naturais, bem como em relação à alocação dos recursos financeiros e humanos.

A difusão de respostas tecnológicas e científicas é uma premissa bastante pertinente para caracterização do fazer técnico, entretanto, a atuação deste profissional não deve estar restrita a estes aspectos, pois fatores culturais e sociais podem também interferir na determinação do êxito produtivo e ambiental dos assentamentos. Ao propor conhecimentos e métodos, o técnico deve dimensionar suas ações no contexto sócio cultural que encerra a vida no assentamento, evitando o que Paulo Freire chama de “invasão cultural”, processo no qual o invasor (técnico), aniquila qualquer vestígio cultural do invadido (assentado), com a finalidade de que suas proposições sejam rapidamente assimiladas e nunca questionadas. A perspectiva de atuação do técnico deve ser aquela que pede a presença curiosa e

1 Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFS). Licenciada em Biologia (UFS). E-mail: < bion- arika@yahoo.com.br >.

2 Professora Adjunta do Departamento de Educação. Professora e coordenadora do Núcleo de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente/PRODEMA da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: < marjonaso@hotmail.com >

indagadora do assentado frente a tudo que lhe é proposto, e isto deve ser válido para problemas imediatos como o combate a pragas na lavoura, bem como para o audacioso e necessário processo de transição para uma agricultura de base ecológica.

A busca por estilos de produção adequados ecológica, econômica, cultural e socialmente devem situar os serviços de assessoria técnica para além da simples transmissão de informações, exigindo na verdade um processo essencialmente educativo em que conhecimentos e valores iluminem ações compromissadas com o ambiente como um todo. Nesta perspectiva, a assessoria técnica começa a ganhar contornos de educação ambiental, viabilizando “[...] a compreensão - construção de uma realidade sócio ambiental em sua complexidade” (GUIMARÃES, 2005, p. 194).

Nesse sentido, diante de um problema como a erosão, o assentado precisa reconhecê-lo e, além disso, estabelecer as relações interativas deste problema e as outras dimensões da realidade. Segundo Freire (1983), isso requer do técnico um esforço que não se limita a transmissão de informação, mas busca a conscientização no sentido de permitir a apropriação crítica que os impulsiona a assumir o verdadeiro papel de sujeito de transformação.

A reflexão sobre a complexidade ambiental abre um estimulante espaço para compreender a gestação de novos sujeitos que se mobilizam para a apropriação da natureza, mediante processo educativo articulado e compromissado com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas do saber (JACOBI, 2005).

A assessoria técnica desenvolvida numa perspectiva interdisciplinar e dialógica contribui para aproximar suas ações da educação ambiental. Nesse sentido, este artigo tem por finalidade discutir as dificuldades encontradas pelos técnicos ao desenvolverem suas atividades no Projeto de Assentamento Vitória do São Roque, localizado no município de Cristinápolis - SE.

Os dados discutidos na sessão a seguir foram obtidos por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas com os técnicos do Núcleo Operacional de Estância, responsável pelo fornecimento de serviços de assessoria técnica ao São Roque. Além destes sujeitos, os assentados também foram entrevistados.

## DESENVOLVIMENTO

O projeto de assentamento Vitória de São Roque foi criado pela portaria INCRA/SR – 23/ Nº 11 de 12 de setembro de 1997, 30 (trinta) famílias sobrevivem na área desenvolvendo agricultura de subsistência. Ao longo de sua existência, o assentamento passou por uma série de projetos produtivos, cujo insucesso pode estar associado à precariedade dos serviços técnicos.

A descontinuidade dos serviços acentuou-se na fase inicial do assentamento, justamente quando a presença do técnico fazia-se bastante necessária. Os agricultores produziram abacaxi, obtendo uma grande safra, mas a dificuldade de escoar a produção impediu que eles obtivessem a renda almejada. Este episódio indica que os agricultores devem concentrar atenção nas condições de produção, bem como nas condições de venda de tudo que produzem. Ao que parece, esta noção de gerenciamento não foi contemplada pelas intervenções técnicas realizadas na época.

Além do cultivo do abacaxi, os assentados desenvolveram também o cultivo do coco, o qual também não obteve o sucesso esperado pelos assentados, dentre os fatores que eles utilizaram para explicar o fato, salienta-se a inadequação da cultura às condições do solo, bem como a falta de acompanhamento técnico.

As falhas no manejo das culturas e das criações, bem como as dificuldades de sanar problemas decorrentes do surgimento de pragas e doenças indicam a fragilidade do processo informativo que antecede a introdução dos projetos produtivos no assentamento. Por esta razão, o acompanhamento técnico sistemático faz-se necessário, principalmente para aquelas atividades que os assentados não domina as técnicas de manejo, pois, como salienta um dos assentados os cursos de capacitação acabam oferecendo somente uma noção das técnicas de manejo: “teve o curso de suinocultura, aí teve uma prática, teve a construção das pocilgas, mas foi só uma questão de você ter os primeiros socorros” (ASSENTADO 20).

Atualmente, os serviços são prestados com uma maior regularidade. O assentamento é atendido por um técnico agrícola, com o apoio de uma equipe multidisciplinar constituída por uma pedagoga, uma engenheira florestal e uma engenheira agrônoma. Essa equipe realiza um planejamento trimestral em que todos os profissionais participam da elaboração. Mas, individualmente, cada técnico de nível médio é responsável pela elaboração de seu próprio planejamento. As propostas de ações individuais e/ou coletivas, os problemas operacionais da equipe e aqueles relacionados ao desenvolvimento integral dos assentamentos devem ser contemplados nas reuniões. Esta estratégia permite que os profissionais contribuam com a elaboração de atividades e participem da execução das mesmas, mesmo não sendo diretamente responsáveis por uma determinada área.

Esses momentos possuem uma grandeza sem igual, uma vez que permitem que profissionais de áreas distintas reflitam sobre um determinado problema, ampliando suas possibilidades de análise e de atuação no sentido de tentar resolvê-lo. Quando esta interação entre os profissionais ocorre antes da ida ao campo, o dia da equipe no assentamento é mais produtivo e os resultados são mais satisfatórios. Entretanto, nem todas as intervenções podem ser eficientemente planejadas, e isso acaba repercutindo nos resultados alcançados pela equipe, como comenta uma das técnicas:

Naquelas áreas que a gente consegue planejar e ter ações mais proativas a gente ver melhores resultados, nas áreas que a gente chega e ainda tem que entender o que está acontecendo, o processo é muito demorado e complica chegar a um resultado. (ENGENHEIRA FLORESTAL).

Para resolver esta questão, a coordenadora do núcleo de assistência achou por bem utilizar um levantamento das demandas em todos os assentamentos da região Sul. Diante disto, o núcleo discutiu e definiu as ações e as funções de cada profissional. Essa estratégia teria dado certo, não fosse o atraso dos salários.

O atraso dos salários atua como fator que desmotiva o técnico e de certo modo, isto acaba repercutindo no desenvolvimento das atividades deste profissional fora e/ou dentro do assentamento. Especialmente nos assentamentos, o interesse e o compromisso do técnico podem determinar o sucesso das atividades produtivas, principalmente daquelas para as quais os assentados não dominam as técnicas de manejo. Daí mais uma vez torna-se importante destacar o quanto essas intervenções precisam ser planejadas, no sentido de consolidar o mínimo de informações necessárias para que o assentado possa desenvolver-se, mesmo que o atendimento técnico não seja constante.

O planejamento ainda é um instrumento relegado, em se tratando de prioridades no desenvolvimento das atividades técnicas. Mesmo que sua importância já tenha conquistado algum reconhecimento por esses profissionais, a verdade é que a assistência técnica, em algumas situações, ainda ocorre a partir da implementação e o desenvolvimento de ações sem o prévio planejamento.

A divisão de tarefas entre os profissionais do Núcleo que atende o assentamento representa outro fator limitante do planejamento e execução de atividade numa perspectiva interdisciplinar. A participação do engenheiro florestal, do engenheiro agrônomo e da pedagoga no planejamento e encaminhamento de ações depende muito das demandas

que são apresentadas ao núcleo pelos técnicos da área. Se por ventura, alguma demanda é julgada como menos importante, ela pode deixar de passar pelo crivo da análise destes profissionais. Neste sentido, há sempre o risco de uma demanda não ser eficientemente atendida, seja por causa da ausência de informações ou até mesmo por causa da parcialidade com que estas podem ser fornecidas.

Todavia, deve-se destacar que a presença dos diferentes profissionais nos assentamentos revela-se igualmente importante, uma vez que as limitações da formação do técnico agrícola podem contribuir significativamente para elaboração de análises parciais, as quais poderiam ser evitadas se esse trabalho tivesse o real apoio de uma equipe multidisciplinar, dedicada não só ao planejamento, mas, sobretudo à identificação dos fatores que justificam a elaboração e a execução das ações propostas por este instrumento.

A ausência do técnico de nível superior nas atividades realizadas nos assentamentos é explicada pelo aumento de demandas a serem atendidas fora dos assentamentos e que ficam sob responsabilidade destes profissionais. A figura do articulador vem cooperar neste sentido, fazendo com que o técnico possa participar mais proativamente do planejamento e de execução das atividades nos assentamentos. De fato, o articulador poderia contribuir para atenuar a sobrecarga de atividades que impede a integração dos técnicos para o desenvolvimento das atividades no assentamento, uma vez que ele liberaria os técnicos de nível superior da responsabilidade de direcionar as demandas dos assentamentos aos órgãos a quem competem seu atendimento. Contudo, têm-se em todo o Estado, apenas cinco articuladores para o atendimento de onze núcleos de assessoria técnica. Para a coordenadora de Estância o papel deste articulador ainda carece de um maior delineamento.

Certamente o melhor delineamento das funções deve contribuir para aperfeiçoar o desenvolvimento das atividades dos técnicos, por outro lado não se deve esquecer que a potencialidade e o caráter empreendedor da assessoria técnica residem na habilidade e na disponibilidade de seus membros para interação. Esta perspectiva foi reconhecida em entrevista pelo representante do MST, para ele a proposta de ação da equipe nas três vertentes (técnica, ambiental e social) só vai alcançar maiores resultados quando “[...] a equipe se integrar, mantendo-se aberta a diferentes focos, além daquele típico de sua formação”. Sem dúvida essa capacidade de interação não se desenvolve em curto espaço de tempo, sendo na verdade um processo, que pode ser constantemente ameaçado pelo caráter temporário dos convênios de prestação de serviços de assessoria técnica.

Por outro lado, os técnicos entrevistados informaram não haver qualquer dificuldade de comunicação entre profissionais, pois as reuniões realizadas no Núcleo operacional têm contribuído muito para amadurecer a idéia de interdependência e interação entre as distintas áreas de saber. No entanto, a falta de tempo e a sobrecarga de atividades constituíram os principais fatores citados pelos profissionais como entraves para interação. Os técnicos agrícolas costumam visitar de 100 (cem) a 120 (cento e vinte) famílias, este número tende a aumentar sobremaneira em se tratando do trabalho realizado pelos profissionais de nível superior, que teoricamente deveriam acompanhar os trabalhos desenvolvidos em todos os lotes dos assentamentos vinculados a cada núcleo operacional.

De fato, o tempo é um elemento crucial para o desenvolvimento do trabalho interdisciplinar, sem ele não há como estabelecer afinidades teóricas e metodológicas que caracterizam o processo. Contudo, é importante destacar que mesmo tendo dois profissionais de áreas distintas trabalhando num mesmo projeto, com o mesmo fim, este trabalho somente terá característica interdisciplinar se cada profissional perceber o quanto o diálogo com outro acrescenta elementos a sua interpretação sobre o problema em questão. Nesse sentido, o diálogo é mais do que a troca de informações, é uma prática intencional em que sujeitos envolvidos se transformam, à medida que reconstróem e tornam mais abrangente suas análises. Por isso, as reuniões podem ter uma dimensão maior do que realmente aparentam, pois elas podem viabilizar a formação destes profissionais.

Para tanto, é preciso que a socialização dos conhecimentos seja de fato um processo conscientemente partilhado por todos os envolvidos.

Além do tempo, a própria formação concedida aos técnicos dificulta o desenvolvimento numa perspectiva interdisciplinar. A universidade ainda não tem conseguido responder ao desafio que envolve a análise multifacetada de um mesmo objeto, em contraposição, a instituição tem mantido a produção disciplinar do conhecimento (MARTINS, 2002). Baseando-se no modelo reducionista e cartesiano, a academia tem dificultado a interação entre profissionais de áreas distintas, como salienta Leff “[...] a construção de análises abrangentes e integradas da realidade global e complexa na qual se articulam processos sociais e naturais” (2006, p. 289).

Ainda que a academia já tenha percebido sua limitação para lidar com a complexidade das questões socioambientais, pouco avançou no sentido de problematizar o conhecimento tecnológico e científico por ela produzido no sentido de incorporar seu papel quanto à explicação, com maior precisão e profundidade, das relações entre os homens e destes com os demais seres da biosfera.

Deste modo a realização dos serviços de assessoria técnica numa perspectiva dialógica e interdisciplinar pede uma redefinição do papel do técnico, bem como das instituições de ensino e pesquisa no sentido de viabilizar a construção de saber ambiental que extrapola os limites disciplinares, tendo em vista a construção de análises mais abrangentes e integradas das relações entre processos naturais e sociais que determinam as mudanças ambientais nos assentamentos rurais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que os técnicos reconheçam a importância do trabalho interdisciplinar, seja na elaboração e/ou na execução das atividades dentro e fora do assentamento, sua realização tem sido significativamente dificultada pela sobrecarga de atividades a que estão submetidos estes profissionais, pela temporalidade dos convênios e até mesmo pela própria formação fornecida nas universidades e escolas agrícolas.

Não obstante, o direcionamento de diferentes olhares a ambientes tão complexos e heterogêneos como os assentamentos de reforma agrária justifica-se pela real necessidade de apreendê-lo mediante o estabelecimento das múltiplas relações de causalidades e interdependências entre fatores ecológicos, culturais, econômicos e sociais que conformam sua existência como espaço de vida e de produção.

Além disto, a articulação entre diferentes profissionais seja no planejamento e/ou execução de atividades contribui para aproximar as intervenções técnicas das ações que viabilizam a educação ambiental em sua vertente transformadora, na qual os sujeitos envolvidos no processo investem na construção de uma base conceitual técnica e culturalmente diversificada tendo em vista o conhecimento da realidade e sua modificação.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução Rosica Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GUIMARÃES, M. Intervenção educacional. In FERRARO JÚNIOR, L. A. (Org). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília, DF: MMA, 2005.

JACOBI, P. Educar para a Sustentabilidade: complexidade, reflexividade, desafios. **Revista Revbea**, Rio Grande, 7: 44-49, 2012.

**Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2. p. 1-31 maio/ago., 2005.

LEFF, E. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Tradução Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MARTINS, S. R. Desenvolvendo a Sustentabilidade. **In**: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLEICULTURA, 42., 2002, Belo Horizonte... Texto elaborado a partir de outras publicações do autor como subsídio a sua participação na mesa redonda 1. Energia, água e sustentabilidade - abordando o tema O desafio da sustentabilidade: um debate sócio-ambiental no Brasil, Belo Horizonte, 2002.